

Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações

The media in Martín-Barbero: before and after mediations

■ NILDA JACKS^a

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre – RS, Brasil

DANIELA SCHMITZ^b

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre – RS, Brasil

RESUMO

O texto discute o papel dos meios de comunicação no pensamento de Jesús Martín-Barbero. Defende-se que a noção de mediação não obscurece a agência cultural, social e política destes, nem desconsidera as implicações econômicas que regem e circunscrevem sua ação. Em sua trajetória teórica, ao refutar a ideia do midiacentrismo, o autor, ao mesmo tempo que expande, também equilibra o seu olhar sobre esta importante instância configuradora das sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Jesús Martín-Barbero, meios de comunicação, mediações, tecnicidade

^a Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Bolsista de Produtividade/CNPq. Orcid: 0000-0003-1625-2619. E-mail: jacks@ufrgs.br

^b Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Orcid: 0000-002-9155-6973. E-mail: danischmitz@ymail.com

ABSTRACT

The text discusses the role of the media in Jesus Martín-Barbero's thought. It is argued that the notion of mediation does not obscure its cultural, social, and political agency, nor does it overlook the economic implications that govern and circumscribe its action. In his theoretical trajectory, in refuting the idea of mediocrism, the author, while expanding, also balances his gaze on this important configurative instance of contemporary societies.

Keywords: Jesús Martín-Barbero, media, mediations, technicality

D

Nada mais errôneo do que pensar que os meios massivos e as tecnologias de informação não são importantes na obra de Martín-Barbero, muito pelo contrário¹.

Guillermo Orozco Gómez

¹ No original: "Nada más errôneo pensar que los medios masivos y tecnologías de información no son importantes en la obra de Martín-Barbero, todo lo contrario". Esta e demais traduções das autoras.

² O livro, segundo o autor, é fruto de 10 anos de trabalho (Huerger; Morawicki, 2016) e teve sua primeira versão escrita à mão (Martín-Barbero, 2010).

³ Para dar mais fluidez ao texto, as citações e obras de Jesús Martín-Barbero serão apenas referenciadas com o ano e a respectiva página, quando necessário.

INTRODUÇÃO

EMBORA O CONCEITO de mediação tenha ganhado centralidade e notoriedade a partir da publicação de *De los medios a las mediaciones* (1987)², os meios de comunicação não desapareceram de sua teorização, como muitos críticos equivocadamente apontaram, pois sempre fizeram e continuam fazendo parte das preocupações de Jesús Martín-Barbero (JMB)³. Ao longo do artigo, defende-se tal posição, discutindo com maior ênfase as mediações que resguardam relação mais direta com os meios – institucionalidade e da tecnicidade – proposta principal da reflexão aqui empreendida.

Na articulação entre cultura e comunicação (e política, incorporada mais tarde) – cenário de seu interesse –, os meios ganharam o papel de agente cultural, sem ter sido desconsiderado seu caráter comercial ou estatal. O combate ao midiacentrismo embutido no modelo das mediações diz respeito à negativa de entender a comunicação social só a partir dos meios, apenas centrada neles. O fato de conhecer o processo comunicacional nem a partir dos meios, nem a partir das audiências, mas através das mediações que permeiam essa relação, minimiza a centralidade deles, mas não a importância dessa instituição configuradora da sociedade contemporânea. Ou seja, mesmo não sendo o ponto de partida de seu pensamento, os meios perpassam suas reflexões adquirindo mais ou menos centralidade, conforme as formas como eles interpelam e configuram as práticas sociais, dando ênfase principalmente em como se dão essas práticas no emprego dos meios.

Assim, o que JMB faz é olhar para eles de maneira equilibrada (Orozco Gómez, 1998), analisá-los em suas atuações e contradições, sem condená-los ou exaltá-los *a priori*. Ao romper com tais perspectivas de análise dos meios, mais centradas em suas funções ou efeitos, enfrentou tanto o estruturo-marxismo quanto o funcionalismo, que compartilhavam uma visão determinista sobre eles.

É na esfera da cultura popular, a qual JMB toma como mote para pensar a comunicação e a cultura latino-americana, que os meios ganham o estatuto de agente cultural. Nesse papel ele os concebe como dispositivos que revitalizam a comunicação, a cultura e o conhecimento, na medida em que são vistos em relações de sentido com as audiências, a partir das referências sociais e culturais destas. Para Orozco Gómez (Ibid.: 98), é quando o massivo e o popular são diferenciados por JMB que fica evidenciado que os meios de comunicação

não exterminam as culturas e a comunicação populares, nem se confundem com elas. São espaços que podem ser sobrepostos, inter-relacionados, ou não, dependendo dos usos dados pelos receptores. É inserindo-os no mundo social e cultural que o autor se propõe a pensar os meios de comunicação, não como aparelhos, mas como instituições sociais que constituem e são constituídas pela sociedade, por suas práticas produtoras de sentido.

Além da dimensão constitutiva, os meios teriam para JMB também a de substitutiva (Ibid.), nesse caso, dos agentes e das instituições não midiáticas que deveriam exercer seu papel social, cultural e político, e não o fazem. JMB (2014) dá como exemplo os movimentos sociais e minorias que no século XXI operam com novos modos de exercício político de seus direitos, a partir da mediação das imagens e da vídeo-cultura – os novos regimes de visibilidade instaurados pelos meios, especialmente os digitais. Assim, se antes reivindicavam necessidades de representação, agora são as de reconhecimento, ou seja, a de fazerem-se visíveis socialmente em sua diferença, o que lhes é facultada por *estarem* nos meios. Eles também estão presentes em suas reflexões acerca da interface comunicação-educação, pois passa ao largo da condenação dos discursos midiáticos ou da manipulação mercadológica, ainda que as admita. Empreende uma discussão sobre a legitimidade dos “saberes-mosaico” – dispersos e fragmentados – associados ao aprendizado que se constrói em uma trama que envolve os espaços formais de ensino, o cotidiano e o consumo midiático, especialmente nas camadas populares.

É pelo eixo temporal, diacrônico, que essas mudanças podem ser evidenciadas, como destaca García Canclini (1998: 4) sobre a visão de JMB a respeito do surgimento dos meios de comunicação de massa como um processo de “continuação do que a escola e a igreja, a literatura popular e o melodrama realizaram para massificar a cultura, antes do aparecimento dos meios eletrônicos”⁴. Como já dito em outro lugar (Jacks, 1999: 30), JMB busca na história a reconstituição do processo de massificação, demonstrando que este é anterior à indústria cultural e que essa “perspectiva subtrai o peso absoluto que tinham os meios de comunicação no processo de massificação cultural contemporâneo, atribuindo proporcionalidade à urbanização, industrialização, escolarização, à igreja, etc.”

⁴ No original: “continuación de lo que la escuela y la iglesia, la literatura popular y el melodrama realizaron para masificar la cultura antes que irrumpieran los medios electrónicos”.

DE LOS MEDIOS A LAS MEDIACIONES, MAS NEM TANTO

A capacidade de oxigenação provocada pela noção de mediação resultou em quase uma década de explorações empíricas preocupadas em dar voz aos receptores, nas suas mais variadas segmentações, embora em menor quantidade do que parecia ocorrer (Jacks et al., 2011). Trabalhar com as mediações culturais

da comunicação iluminou zonas opacas do processo de comunicação e abriu uma perspectiva de estudos das audiências que privilegiou o mundo da vida cotidiana e deu evidência empírica à atividade do receptor. O impacto desse deslocamento repercutiu nos principais centros de pesquisa de comunicação da América Latina, entretanto, o esforço e a euforia iniciais de pesquisadores de várias latitudes nem sempre tomou os meios na proporção exata de seu papel no processo, gerando muitas críticas ao esvaziamento da discussão sobre seu poder social, político e econômico.

JMB, ao contrário, não havia indicado a supressão dos meios de comunicação para pensar as mediações nos processos de comunicação e para chegar a tal formulação analisou profundamente a gênese da cultura massiva, que não começa, mas ganha potência com eles, forjando a indústria cultural. É só revisitar a segunda parte (*Matrices históricas de la massmediación*) do livro em questão e especialmente o item 4 (*Los medios masivos en la formación de las culturas nacionales*) do tópico I, da terceira parte, para reconfirmar sua proposta.

No primeiro caso, retoma historicamente a formação do Estado-nação e a configuração do mercado nacional, apresentando as estratégias que promoveram a integração cultural, ao custo de negarem a existência das culturas populares. É nesse processo que foram forjadas as bases para a emergência da cultura de massa, fenômeno em que os meios foram fruto e não causa de toda a transformação cultural. No segundo, analisa o âmbito da modernidade na América Latina, tratando dos processos de industrialização e modernização das estruturas econômicas como parte de projetos de desenvolvimento nacionais. Projetos, estes, que estavam ligados ao Estado e às burguesias dos principais países do continente, donde começa a surgir a noção de cultura nacional, tributária de um novo nacionalismo. As consequências principais são no âmbito político e na irrupção das massas nas cidades, gerando, respectivamente, os populismos e os processos de urbanização, os quais incorporam as populações rurais que deixavam o campo.

Quanto aos meios, são tratados como agentes fundamentais na formação das culturas nacionais, e sua história é contada não apenas a partir das estruturas econômicas ou do conteúdo ideológico, mas através da análise das mediações que os materializaram institucionalmente e lhes emprestam espessura cultural. Longe disso, só é possível vê-los como responsáveis pelas mudanças sociais ou reduzidos a meros instrumentos passivos nas mãos de uma classe com suposta autonomia para impô-los. As mediações políticas e culturais, portanto, são matéria básica para entender a história dos meios de comunicação na América Latina. Ou seja, essa história está intimamente vinculada aos processos culturais que articularam as práticas de comunicação, tanto hegemônicas quanto

subalternas, com os movimentos sociais. Trata-se de saber como instrumentos técnicos se tornaram, historicamente, meios de comunicação, sendo que ele indica que há duas etapas nessa análise. Uma que vai dos anos 1930 ao final dos anos 1950, prestando atenção nos modos de apropriação e de reconhecimento que as classes populares fizeram dos meios (e de si mesmas), na busca de sua eficiência e sentido sociais. Identifica assim o papel que tiveram nesse período, por sua capacidade de serem porta-vozes da interpelação feita pelos populismos para tornar as massas em povo e o povo em nação (o que inclui outras formas de enfrentar a crise de hegemonia, o nascimento da nacionalidade e a entrada na modernidade). O cinema e o rádio, além da música e imprensa populares, foram os agentes dessa interpelação, os quais transmutaram a ideia política de nação em vivência, sentimento e cotidianidade.

A segunda etapa começa nos anos 1960, quando as estratégias do desenvolvimentismo entram em vigor apelando para soluções tecnocráticas e estímulo ao consumo. Houve um deslocamento da função política dos meios para a econômica, sendo apropriados pela iniciativa privada que assume outra ideologia: a de “fazer os pobres sonharem o mesmo sonho dos ricos” (2003: 179), através do desejo consumista. Nesse período, devido à constituição do lugar de simulação e de desativação de antigas relações, os meios devem ser entendidos mais do que mediadores entre o Estado e as massas, mas entre o rural e o urbano, as tradições e a modernidade. JMB considera que isso se deu de modo esquizofrênico, uma vez que houve um crescimento midiático desconectado das demandas sociais, pois como sinônimo de desenvolvimento, os meios chegaram onde outras necessidades básicas não estavam sanadas. Aí começa a hegemonia da televisão e a pluralização do rádio: a primeira tendendo a unificar as diferenças e as demandas, trabalhando na construção de um imaginário nacional; e o segundo assegurando a diversidade e explorando sua popularidade – através da conexão da cultura oral fortemente valorizada nas camadas populares e no meio rural – única forma de enfrentar a crise causada pela televisão. A setorização dos públicos deflagrou uma vinculação com as transformações de identidades sociais prévias, onde a categoria de cidadão fragmentou-se em torcedor, mulher, jovem, fã etc.

A próxima etapa, no início dos anos 1980 – quando o processo de transnacionalização dá seus primeiros sinais como consequência da crise do capitalismo e da nova fase de modernização latino-americana –, já havia sido esboçada por JMB (1993) para registrar as mudanças no final da década com o surgimento das chamadas novas tecnologias. Estas são frequentemente tematizadas ao longo de sua obra e recebem maior atenção à medida que adquirem densidade cultural, social e técnica ao se entrelaçarem com a vida social. Ainda em 1982,

D

Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações

⁵ Refere-se à ruptura epistemológica que o guiou na origem da discussão do conceito de mediações, quando vislumbra a necessidade de mudar o lugar a partir de onde se elaboram as questões e as problemáticas acerca da comunicação.

na contramão dos principais argumentos defendidos – no primeiro grande Congresso Internacional organizado pela Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social (Felafacs) – sobre o poder da comunicação com base no que possibilitavam as novas tecnologias, seu olhar sobre o fenômeno construiu-se desde outro lugar, sendo fiel ao “calafrio epistemológico”⁵ que embala o princípio de seus estudos sobre a cultura e guiam seu olhar sobre os processos comunicacionais. Disse ele: “centrei minha exposição na não contemporaneidade entre as tecnologias de comunicação e seus modos de uso na América Latina. Incluída a *assimetria* entre a sintaxe dos discursos midiáticos e a *gramática das mediações* desde a qual a gente os lê, os ouve e os vê” (2004: 23, grifos do autor).

Neste período, as tecnologias representavam a nova etapa da aceleração da modernidade, a revolução eletrônica, que na América Latina segue a mesma esquizofrenia identificada nas outras etapas, ou seja, uma compulsão por adquiri-las mesmo que, em muitos casos, não se tenha o que fazer com elas. Nesse caso, para JMB, é preciso deslindar dois aspectos das identidades sociais latino-americanas que foram tocadas pelas novas tecnologias: o atraso e a carência. Estudar essas novas tecnologias não é conhecer seus efeitos sobre as culturas, mas procurar nas diferenças, na pluralidade cultural, o que ele chama de “*destiempos*”, esse desvão que desmascara a não contemporaneidade entre objetos e práticas, entre tecnologias e usos, o que impede a compreensão dos sentidos históricos de sua apropriação, especialmente nas culturas populares.

É possível, portanto, perceber que ele está atento tanto à perspectiva tecnocêntrica – ponderando algumas das armadilhas construídas na visão sobre os efeitos das novas tecnologias – como à sociocêntrica, assentando suas bases para o entendimento do fenômeno nesta segunda, mais culturalista e menos determinista. Segundo Reguillo (1998: 86), o autor

⁶ No original: “colocó las tonalidades intermedias que resultaban urgentes para transitar del denunciismo o del conformismo a una posición más activa con relación al impresionante desarrollo tecnológico que trastocó las formas de socialidad a escala planetaria y de manera particular en el continente”

colocou as tonalidades intermediárias que eram urgentes para passar do denunciismo ou do conformismo para uma posição mais ativa com relação ao impressionante desenvolvimento tecnológico que alterou as formas de sociabilidade em escala planetária e de modo particular no continente⁶.

⁷ É ele próprio quem conta (2010) que se apropria da ideia de mapa na obra *Voo noturno*, de Antoine de Saint-Exupéry, cujo personagem principal revive experiências do próprio autor, quando trabalhou para o Correio Aéreo francês em incertas e misteriosas viagens noturnas.

Ainda para a autora, JMB conseguiu romper com os determinismos de ambos os lados, levando-o a um tipo de compreensão que resultou em uma socioantropologia das tecnologias da comunicação (Ibid.).

É nessa perspectiva que, em 1980, o autor esboça seu primeiro “mapa noturno”⁷, um exercício investigativo peculiar que se repete em vários outros momentos, na tentativa de configurar as conexões que entretecem comunicação e

cultura. No preâmbulo da sexta edição de *De los medios a las mediaciones* (2010), JMB comenta sobre o primeiro desenho que foi construído em dois eixos, com perspectiva diacrônica. De um lado um quadro epistemológico e político da produção na área de comunicação que se delineava até o final dos anos 1970 e, de outro, a incipiente corrente de pesquisas que conectava a comunicação aos estudos culturais, com três vertentes ou “campos estratégicos”: “a estrutura transnacional da informação, as novas tecnologias de comunicação e a comunicação alternativa ou popular”⁸ (2010: XI).

Os meios foram tematizados neste modelo inicial, em ambos os lados. No primeiro eixo, são problematizados no quadro epistêmico (sob a perspectiva instrumental que regia a análise das tecnologias da informação como aparatos ideológicos). E também aparecem no cruzamento epistêmico/político para compreender as tecnologias “como matriz de um novo modelo social e de uma nova trama político cultural”⁹ (Ibid.: X). Já no segundo eixo, os meios são tensionados nos dois primeiros campos estratégicos supracitados. No primeiro, dedicou-se à análise das estruturas e rotinas produtivas, condicionadas pelos processos econômicos transnacionais e estruturas nacionais de poder (político e social)¹⁰. No seguinte, abordou as novas tecnologias, empreendendo a discussão sobre os “*destiemplos*” que marcam aquisição e usos. Lançava, assim, as primeiras pistas sobre a necessidade de tratar da tecnologia no singular e manter as culturas no plural.

⁸ No original: “la estructura transnacional de la información, las nuevas tecnologías de comunicación y la comunicación alternativa o popular”.

⁹ No original: “como matriz de un nuevo modelo social, y de un nuevo entramado político-cultural”.

¹⁰ Distancia-se do olhar *frankfurtiano* das relações entre cultura e indústria, mais assentado na determinação social e ideológica dos conteúdos midiáticos, seguindo a linha do que já vinham propondo Williams, Hall e Murdock.

DE LOS MEDIOS A LAS MEDIACIONES: UMA DÉCADA DEPOIS

Embora seus ensinamentos nunca tenham prescindido do lugar dos meios, como esboçado acima, nem mesmo na análise dos processos de recepção, no prefácio da edição comemorativa dos dez anos da publicação de *De los medios a las mediaciones* (1998b) ele o indica de maneira inequívoca.

Para tal, diz que é preciso considerar que os meios têm, hoje, um papel diferente e em boa medida inverso ao que tiveram no tempo da conformação das identidades nacionais, como estratégia política dos Estados-nação em formação, especialmente na América Latina. Atualmente, os meios de comunicação e as tecnologias de informação minimizam o contexto nacional, ao mesmo tempo que configuram comunidades hermenêuticas internacionais, redimensionando, portanto, as identidades, pois eles simultaneamente globalizam e fragmentam, além de paradoxalmente deslocarem e revitalizarem o local.

Explica que entender o lugar estratégico da comunicação na configuração de novos modelos de sociedade é uma maneira de ultrapassar a noção hegemônica de que ela é regida apenas pelo mercado. Embora admita que resida nesse âmbito

D

Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações

parte essencial de sua atuação, nomeada por ele de “hegemonia comunicacional do mercado” (2010: XXIII), aponta que a maneira de enfrentá-la é pela “batalha política”, possibilitada pela cultura e pela comunicação.

As mudanças históricas – que poderíamos chamar de mediações exteriores à comunicação – e a introdução de novas tecnologias – interiores ao campo – fazem mover as teorias e, nesse caso, JMB está atento tanto aos meios que operam pontualmente quanto aos que estão operando transversalmente, como é o caso da *internet*. Na esfera da política, por exemplo, os meios passaram de meros intermediários à cena principal na configuração dos sentidos do discurso e da ação, na fiscalização dos governos e das instituições estatais e na facilitação do diálogo entre Estado e sociedade civil, mesmo que disfarçando alguns interesses.

De acordo com ele, diante dessas novas atuações, os meios abrem-se à interlocução com organizações nacionais e locais, como as de tipo cívico e ecológico, além de promover um outro tipo de relacionamento com a audiência, passando de uma cultura de massa a uma cultura segmentada. Contrariando certas tendências teóricas, os meios entenderam que a audiência ou os públicos não são entes indiferenciados ou passivos, mas têm uma forte diversidade de gostos e modos de consumir. Isto obriga a pesquisa a revisar a ótica sobre a identificação imediata da cultura midiática com o processo de homogeneização cultural e colocar a comunicação como “movimento que atravessa e desloca a cultura. Pois o lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural”¹¹ (2002: 225).

É nesse cenário que JMB propõe um novo mapa, o terceiro, para dar conta da complexidade existente nas relações constitutivas da comunicação na cultura, “pois os meios passaram a constituir um espaço chave de condensação e intersecção da produção e do consumo cultural, ao mesmo tempo que catalisam hoje algumas das mais intensas redes de poder”¹² (Ibid.: 226). E é nessa tensão, entre as inescapáveis lógicas do mercado e das tecnologias de comunicação/informação e as mediações histórico-culturais, que o pensamento crítico vislumbra uma possibilidade de refletir a relação da cultura com os meios de comunicação. São configuradoras dessa tensão e compõem as *mediações comunicativas* da cultura, a *socialidade*, a *ritualidade*, a *tecnicidade* e a *institucionalidade* dispostas entre dois eixos. Um diacrônico, de longo alcance, tensionando as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais, e um sincrônico constituído entre as Lógicas de Produção em sua relação com as Competências de Recepção e Consumo¹³.

As três primeiras mediações já estavam presentes nas reflexões anteriores de JMB, ou seja, no segundo mapa, e logo foram apontadas por Orozco Gómez (1996: 93) como desdobramento da reflexão apresentada na primeira edição

¹¹ No original: “movimiento que atraviesa y desloca a la cultura. Pues el lugar de la cultura en la sociedad cambia cuando la mediación tecnológica de la comunicación deja de ser meramente instrumental para convertirse en estructural”.

¹² No original: “pues los medios han pasado a constituir un espacio clave de condensación e intersección de la producción y el consumo cultural, al mismo tiempo que catalizan hoy algunas de las más intensas redes de poder”.

¹³ Ver esquema em Martín-Barbero (2003: XVI).

de *De los medios a las mediaciones* (1987). Por outro lado, a *institucionalidade*, mediação ausente até então, surge para dar conta de maneira mais concreta e específica do âmbito dos meios, ou seja, dos discursos públicos, carregados de interesses e poderes contraditórios, mas que tendem à homogeneidade.

Há diferentes regimes de *institucionalidade* e é ela que faz a mediação entre as Lógicas de Produção e as Matrizes Culturais, sendo o cenário, portanto, que constrói a relação mais próxima entre produção e recepção, entre meios e audiências. Essa mediação, obviamente, é transformada por ambos os contextos – o sincrônico das Lógicas de Produção e o diacrônico das Matrizes Culturais – através do processo histórico-cultural.

É pela *institucionalidade* que podem ser pensadas duas ordens contrapostas: o regime estatal, que concebe os meios como serviço público, e o regime de mercado, que converte a liberdade de expressão em comércio. Ambos atuam simultaneamente na configuração do espaço público contemporâneo a partir da priorização de valores quase sempre antagônicos. Nas palavras de JMB (2002: 230), “ao mediar na constituição do público e no reconhecimento cultural, a trama institucional da comunicação faz parte do laço cidadão”¹⁴. Para o autor, a *institucionalidade* afeta a regulação dos discursos tanto do Estado quanto dos cidadãos. No primeiro caso, isso ocorre em nome da busca da estabilidade para a ordem constituída e, no segundo, para defender seus interesses e fazerem-se reconhecer, reconstruindo o social permanentemente.

¹⁴ No original: “al mediar en la constitución de lo público y en el reconocimiento cultural, la trama institucional de la comunicación hace parte del lazo ciudadano”.

Do ponto de vista da *institucionalidade*, a comunicação é uma questão de meios, de produção de discursos públicos cuja hegemonia encontra-se paradoxalmente do lado dos interesses privados. Do ponto de vista da *socialidade* é uma questão de fins, da constituição do sentido, do fazer-se e desfazer-se da sociedade.

Por outro lado, ao reabordar a mediação da *tecnicidade*, considera-a como estratégica no cenário de globalização do período e a inscreve na tensão entre as Lógicas de Produção e os Formatos Industriais, posição em que se relaciona mais diretamente com os meios. Assim, a tecnologia, nesta vinculação específica, diz respeito à competitividade tecnológica que opera nas lógicas produtivas e às possibilidades de inovação dentro dos Formatos Industriais, ou seja, a produção opera com novas práticas, linguagens e experimentações, assim como promove a transformação da técnica em “conector universal” nos processos de globalização. Contudo, é enfático em alertar que a comunicação não está subsumida à técnica, aos meios, da mesma forma que acarreta em deturpação “pensar que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação” (2003: 18).

E assim, mais uma vez, JMB coloca os meios (e aqui especialmente a técnica) atravessando transversalmente o processo de comunicação na sociedade: eles

são centrais ao condensar e intersectar redes de poder e de produção cultural, mas não encarnam o papel de principal mediador entre as pessoas e o mundo. Neste momento, já lança as bases para pensar a mediação da tecnicidade como um novo estatuto social da técnica, compreensão que vai se adensando à medida que propõe o quarto mapa.

DOS MEIOS À TECNICIDADE: INVESTIGANDO AS MUTAÇÕES CULTURAIS

No final da primeira década dos 2000, JMB redesenha mais uma vez o seu “mapa noturno”, seguindo na proposta de voltar-se às matrizes comunicativas da cultura (2003). A seu ver, esta nova proposta congrega e entrelaça as conformações anteriores (2010). As mediações, então, passam a relacionar transformações de tempo e espaço, associados a dois outros eixos: migrações populacionais e fluxos de imagens (Moura, 2009). Neste mapa, as mediações são identificadas como *identidade*, que relaciona migrações e tempos; *cognitividade*, entre migrações e espaços; *ritualidade*, na conexão entre fluxos e espaços; e *tecnicidade* que vincula tempos e fluxos.

Há dois importantes movimentos em relação ao mapa anterior, segundo JMB (Ibid.): saem as mediações mais “tradicionais”, a *institucionalidade* e a *sociabilidade*, para dar espaço à “transformação”, e esta é incorporada pela aproximação entre tecnicidade e identidade, as duas novas mediações que se articulam como fundamentais na contemporaneidade.

Nesta visão, atribui à *tecnicidade* uma centralidade nos processos de mutação cultural, posição que já vinha se delineando desde o terceiro mapa. JMB (Ibid.) adota o termo tecnicidade, em detrimento de técnica, por uma questão fonética (correspondência com ritualidade e identidade), mas também porque ela adquire status de sistema e não apenas de ferramental como pregam algumas perspectivas.

Os meios, que nunca sumiram do seu horizonte investigativo, como defende-se ao longo deste artigo, ganham ainda mais relevância em suas enunciações, especialmente porque a tecnicidade está presente ao tratar de: migrações populacionais, que (re)constituem laços com seus entes em suas atividades como cibernautas; fluxos virtuais de comunicação que incidem tanto no universo escolar quanto familiar, desafiando autoridades e hierarquias e oferecendo novos modelos de identificação; compressão do tempo, na amnesia provocada pela inflexão presenteísta dos meios (e também do mercado); ação sobre o espaço, ao permitir que sujeitos cada vez mais isolados nas grandes cidades tenham um mínimo de vínculo diante da extensão, desarticulação e violência que atinge os centros urbanos (2010).

Os meios digitais com suas potencialidades convergentes em relação a outros meios contaminam e desestabilizam discursos e estatutos já reconhecidos, criando o que denomina “as formas mestiças da comunicação” (Moura, 2009: 10). O caráter transversal com que permeiam o cotidiano opera uma verdadeira revolução, na qual o autor questiona as formas possíveis de se assumir tamanha complexidade social e perceptiva que incorporam os meios sem cair na fascinação tecnológica.

Esta outra perspectiva coloca a comunicação (e não somente a mídia) em lugar estratégico no panorama político-social, criando um novo ecossistema que ele nomeia de tecnocomunicativo, remetendo-se à noção de “terceiro entorno” discutida por Javier Echeverría e ao “bios midiático” de Muniz Sodré. Sobre a primeira noção, diz JMB:

O primeiro entorno estava relacionado ao meio ambiente e à zoologia; o segundo entorno foi o urbano, o das instituições sociais e políticas; e o terceiro é o entorno tecnológico, o entorno comunicativo. É um entorno, pois já não são coisas pontuais. Não é uma somatória de meios, não, estamos em outro entorno, diante de um ecossistema comunicativo¹⁵. (Huerger; Morawicki, 2016: 182)

Nessa nova mirada reside também uma tomada de posição epistemológica para dar conta do que ocorre na vida social, na qual a comunicação e suas tecnologias incluem novas linguagens, escrituras e gramáticas que a transformam de instrumento pontual em ecossistema cultural. E essa noção vinha se delineando desde o terceiro mapa, quando já admitia que a tecnicidade é uma mediação estratégica, pois “é menos assunto de aparatos do que de *operadores perceptivos* e destrezas discursivas” (2003: 18, grifos do autor). Assim, ela passa a operar como um “organizador perceptivo” (2004: 235).

No entanto, a forma como JMB se refere à importância da tecnicidade não condiz com o modo como ela é retratada em nenhum de seus mapas. No desenho da quarta versão (Moura, 2009), fica circunscrita como mediação entre o eixo dos tempos e fluxos¹⁶. Porém, se a noção de entorno tecnocomunicativo é incorporada à discussão e a tecnologia é tida como um “âmbito potente que inclui linguagens e ações, dinâmicas sociais, políticas e culturais” (2009: 148), tem-se um caráter central dedicado à tecnicidade, graficamente não retratado no modelo. Certamente não seria o caso de inserir os meios ou a mídia no centro do mapa, pois, para JMB a técnica é muito mais do que nos possibilitam os meios, e a comunicação é muito mais do que os próprios meios, é “interação que possibilita a interface de todos os sentidos” (Ibid.: 153). Aqui não é só a ideia de relacionar os meios e as linguagens entre si, mas de incluir a interpenetração

¹⁵ No original: “El primer entorno tuvo que ver con el verde y los zoológicos; el segundo entorno fue el urbano, el de las instituciones sociales y políticas; y el tercero es el entorno tecnológico, el entorno comunicativo. Es este un entorno porque ya no son cosas puntuales. No es una sumatoria de medios, no, estamos en otro entorno, ante un ecosistema comunicativo”.

¹⁶ No mapa anterior, do prefácio à quinta edição de *De los medios a las mediaciones* (1998b) estava inserida entre o eixo das lógicas da produção e o dos formatos industriais.

e contaminação de uns com os outros, nos processos de convergência já assinalados. O autor toma a ideia de comunicação a partir do comunitário, do cotidiano e não estritamente ligada ao midiático, ou seja, nem sempre a noção de tecnocomunicativo está presente em sua discussão. Ele, portanto, vê a comunicação como interação e também como intermediada, pensando a noção de “intermedialidade” como um conceito para compreender a hibridação das linguagens e dos meios (Ibid.: 153).

Assim, pode ser dito que a tecnicidade circunscreve toda a dinâmica do mapa proposto, assumindo a ideia de entorno/contorno. Concorda-se com Ronsini (2012: 62) que, ao trabalhar na tentativa de fundir os dois últimos mapas de JMB, vê que a tecnicidade “percorre o circuito inteiro, modelando a ritualidade, a socialidade e a institucionalidade, ou seja, modela todas as relações porque se define como estatuto social da técnica”. Enfim, o tecnocomunicativo estaria perpassando todas as demais instâncias, tornando-se um importante protagonista da vida social e cultural dos sujeitos.

Associados à mediação da tecnicidade, e que de certa forma se interconectam, há dois temas que o autor (Moura, 2009) utiliza para ilustrar sua esperança – palavras do próprio – nos novos tempos. O primeiro diz respeito às transformações tecnológicas que ajudam a congregiar culturas e legitimar espécies distintas de saberes, discussão empreendida especialmente na interface comunicação e educação (2014). Trata da desestabilização ocasionada pela revolução tecnológica de uma perspectiva bastante positiva, pois altera os modos de circulação e produção do conhecimento, uma das mais profundas mudanças que uma sociedade pode sofrer.

Em sua visão, a lógica que rege os princípios da hipertextualidade abala com os cinco séculos de hegemonia do livro e sua sequência linear de leitura: nasce um novo modelo de organização e aprendizagem. E as tecnologias de comunicação estão na base desta revolução, contribuindo para um novo formato de produção de conhecimento que reúne culturas legitimadas como a letrada, mas também as midiáticas e comunicacionais que se fundem na visualidade, oralidade, sonoridade e gestualidade.

Desse modo, a construção de saberes-mosaicos consequentes desta configuração nasce de uma pluralidade de inteligências e dentro de uma sociedade multicultural. O que inclui as diversidades constituídas pela etnia, raça e gênero, mas também as heterogeneidades que configuram “os nativos, sejam da cultura letrada, da cultura oral, da audiovisual e da digital” (Ibid.: 91). Em sua argumentação, é ponderado ao admitir que as lógicas do mercado atravessam a constituição e manutenção dos meios de comunicação, mas ainda assim os compreende como “espaços decisivos da *visibilidade* e do *reconhecimento social*”

(Ibid.: 106, grifos do autor), dentro da nova ordem social do visual que os próprios meios ajudam a instaurar e configurar.

Uma figura importante nesta primeira temática conecta-se à segunda que lhe suscita a referida esperança: a nova sensibilidade dos jovens. Estes aparecem tanto como sujeitos mais ativos nos processos de aprendizagem, desafiando os circuitos sagrados e figuras sociais que detinham e administravam o conhecimento. E, para além dos bancos escolares, o protagonismo juvenil se estende para toda cena contemporânea, especialmente no que tange aos processos de convergência midiática.

Como já dito anteriormente (Jacks; Schmitz, 2017), na visão de JMB a empatia juvenil com a cultura tecnológica perpassa tanto a relação com a televisão, com a música, com o vídeo, como também na facilidade com que manejam as complexas redes informáticas. A tal ponto que a habilidade, destreza, expressividade e sensibilidade diante das novas experiências culturais nos usos dos meios estão imbricadas na própria configuração desse sujeito juvenil.

No uso que os jovens fazem das redes sociais digitais, a espacialidade se converte em território: estão juntos sem estarem na mesma sala, reconfigurando também a sociabilidade. Pela tecnologia eles próprios reúnem seus interesses: trabalho e ócio, informação e consumo, pesquisa e jogo. Pelas redes também fazem política, decidem, divertem-se, jogam, exploram a estética e o lúdico. Permitem ainda que a multiplicidade de telas com que convivem atravesse e reconfigure as experiências da rua, já que não estão mais necessariamente reunidos, mas interconectados.

Se na escola as tecnologias, especialmente as digitais, quebram com a ideia de que o professor é o único detentor do conhecimento, nos lares elas causam um desordenamento mais intenso que o apregoado à televisão (2008), pois dá acesso às crianças e aos jovens ao mundo velado dos adultos, desafiando o filtro e a autoridade dos pais ao transformar o modo como a informação circula também dentro de casa.

JMB vê esses sujeitos longe de afirmações apocalípticas que apregoam o isolamento juvenil e a perda de vínculo com a realidade em razão do uso excessivo da tecnologia. Admite que haja razões para tais temores, mas argumenta que os jovens estão “íntima e estruturalmente mediados por suas interações pela e com a tecnologia” (Ibid.: 22). Embora otimista e esperançoso, não sobrevaloriza a tecnologia ao tratar do comportamento juvenil. Reconhece que o universo que a juventude concebe como um todo independe delas, pois apenas reconfiguram seu modo de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O horizonte deste texto foi a discussão sobre o lugar dos meios no percurso investigativo de JMB. Entretanto, como sua perspectiva de comunicação não está

subsumida a eles, compreendendo-a como um processo social (1995), outras várias questões entraram em pauta aqui. Tentou-se demonstrar o quanto eles foram tematizados e incorporados na trajetória que o leva a construir o conceito de mediação social e cultural e o quanto seguem presentes nas discussões posteriores.

Em sua trajetória teórica, ao refutar a ideia do midiacentrismo, ao mesmo tempo que expande, também equilibra o seu olhar sobre esta importante instância configuradora das sociedades contemporâneas: “o *meio* não se limita a veicular ou traduzir as representações existentes, nem tampouco pode substituí-las, mas começou a *constituir uma cena fundamental da vida pública*” (2003: 14, grifos do autor). Entende-se, portanto, que no deslocamento da mirada que subjaz a noção de mediação não obscureceu a agência cultural, social e política dos meios. Da mesma forma, o autor não desconsidera as implicações econômicas que regem e circunscrevem sua ação.

Ao propor uma reflexão que segue a ordem dos quatro “mapas noturnos” já formulados, (re)construiu-se um panorama no qual os meios sempre fizeram parte, inscritos em algumas das mediações com que trabalha em cada etapa. Destaca-se, especialmente, o investimento que as tecnologias de comunicação receberam em todos os modelos, especialmente no último deles¹⁷.

Interessante perceber, ao acompanhar a argumentação sobre as tecnologias da comunicação, que seu discurso adquire caráter cada vez mais otimista à medida que o digital oferece novas possibilidades individuais e de grupo no século XXI. A varredura realizada em parte de suas obras também mostrou o quanto JMB antecipou alguns dos movimentos que se acentuaram com a popularização da internet, mas que já marcavam a ação dos meios mais tradicionais no final dos anos 1980. A dissolução de um horizonte cultural compartilhado em sociedade acarretava, a seu ver, na *fragmentação* dos públicos, na *segmentação* dos consumos e na *individualização* das demandas (2004). Cenário em que hoje se assentam as bases do consumo midiático e digital.

Outro ponto interessante de sua discussão sobre o movimento de fragmentação cultural que, de certa forma, foi capitaneado pela lógica televisiva dos anos 1980 e 1990 é que, três décadas depois, vivencia-se algo ainda mais intenso nas lógicas dos algoritmos que regem o consumo nas redes sociais digitais. Dizia o autor:

valeria a pena, talvez, repensar algumas das críticas ao “velho” modelo maciço de comunicação que está a ponto de desaparecer. Porque, se aquele modelo tendia a homogeneizar os gostos, ao mesmo tempo nos obrigava a enfrentar o mau gosto dos outros, a saber que existia, a ter de contar com ele. Para todos aqueles que

¹⁷ Omar Rincón apresentou na abertura do Congresso da IAMCR (2017) uma quinta versão do mapa, que ainda está em desenvolvimento.

abominam as telenovelas ou a luta livre pela televisão, o fato de ter que se *encontrar* com esse outro universo cultural significa ao menos a impossibilidade de fechar-se em si próprio. (Ibid.: 205, grifo do autor)

E, para concluir, seu otimismo maior é depositado na agência dos sujeitos, especialmente nos usos operados por minorias e comunidades marginalizadas, além das apropriações juvenis já citadas. É a partir da tecnologia que tais grupos introduzem ruídos nas redes e distorções no discurso global (2006). Ou seja, o panorama em relação aos meios vai da homogeneização capitaneada pela televisão à pluralidade de vozes que se encontram na internet, mas em última instância, o verdadeiro sentido do tecnológico está nos usos que lhe são dados. ■

REFERÊNCIAS

- GARCÍA CANCLINI, N. G. De los medios a las mediaciones: lecturas inesperadas. In: TOSCANO, M. C. L.; REGUILLO, R. (Eds.). *Mapas nocturnos: diálogos com la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998. p. 3-9.
- HUERGO, J.; MORAWICKI, K. *Memoria y promesa: conversaciones con Jesús Martín-Barbero*. Argentina: Universidad Nacional de La Plata, 2016.
- JACKS, N. *Querência: cultura regional como mediação simbólica. Um estudo de recepção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- JACKS, N. (Coord.) et al. *Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro*. Quito: Ciespal, 2011.
- JACKS, N.; SCHMITZ, D. Sujeitos juvenis e protagonismo social em Jesús Martín-Barbero. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 1-23, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.2.25435>.
- MARTÍN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- _____. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. 3. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.
- _____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, M. W. (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68.
- _____. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. 4. ed. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 1998b.
- _____. *Oficio de cartógrafo: travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

- _____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- _____. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, D. (Org). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 51-79.
- _____. *A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens*. In: BORELLI, S. H. S.; FREIRE FILHO, J. (Orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008. p. 9-32.
- _____. *Uma aventura epistemológica – entrevista por Maria Immacolata Vassalo de Lopes*. *MATRIZES*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v2i2p143-162>.
- _____. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. 6. ed. Barcelona: Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2010.
- _____. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MOURA M. As formas mestiças da mídia. Entrevista com Jesús Martín-Barbero. *Revista Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 163, p. 10-15, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/GAtZ9m>>. Acesso em: 22 jul. 2017.
- OROZCO GÓMEZ, G. De las mediaciones a los medios: contribuciones de la obra de Martín-Barbero al estudio de los medios y proceso de recepción. In: TOSCANO, M. C. L.; REGUILLO, R. (Eds.). *Mapas nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998. p. 91-101.
- REGUILLO, R. Rompecabezas de una escritura: Jesús Martín-Barbero y la cultura en América Latina. In: TOSCANO, M. C. L.; REGUILLO, R. (Eds.). *Mapas nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998. p. 79-90.
- RONSINI, V. M. *A crença no mérito e a desigualdade: a recepção da telenovela do horário nobre*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Artigo recebido em 30 de agosto de 2017 e aprovado em 7 de novembro de 2017.